



Projetar o Passado no Futuro

O lugar das Humanidades na construção de projetos em património cultural

Luiz Oosterbeek | Instituto Politécnico de Tomar, Instituto Terra e Memória, Centro de Geociências da Universidade de Coimbra, Conselho Internacional para a Filosofia e as Ciências Humanas | loost@ipt.pt

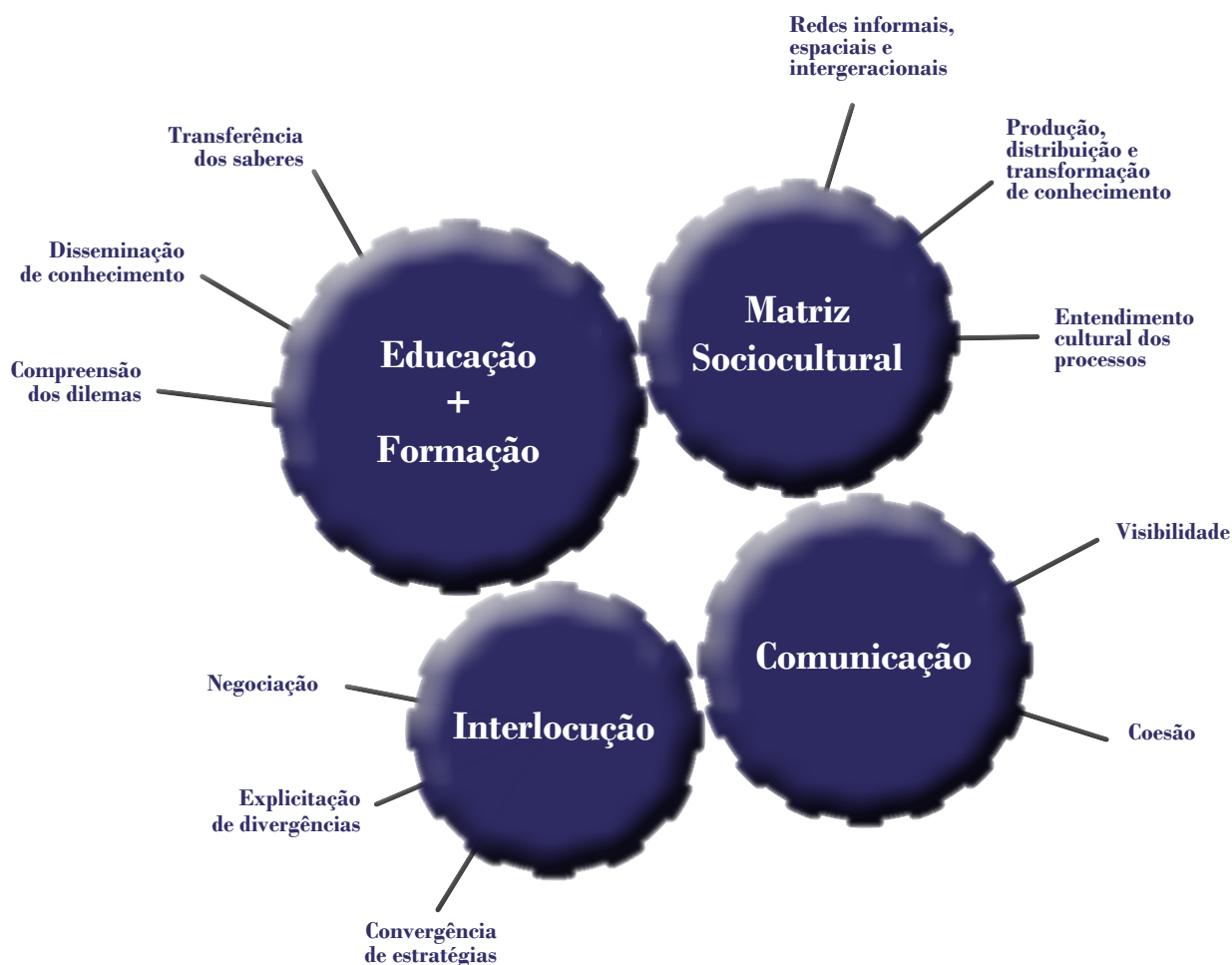
Haverá um contributo específico das humanidades na hora de conceber, estruturar e implementar um projeto de construção, conservação ou reabilitação? A temática da sustentabilidade tem sido acompanhada por uma evolução muito grande, sobretudo desde 2012, mas ainda há uma insuficiente discussão sobre como operacionalizar novas abordagens que passam da dimensão da interdisciplinaridade para a transdisciplinaridade. Fala-se muito dessas palavras, que incorporam as novas modas de comunicação (tal como “narrativa” ou “sustentabilidade”), mas o que significam em termos práticos, sabendo-se que as modas passam? Como pode um engenheiro, um dono de obra, ou um conservador-restaurador apoiar-se nas humanidades de forma concreta?

E

.....m recente documento, a UNESCO aprovou um conjunto de recomendações aos Estados, no domínio da ciência da sustentabilidade, destacando que os desafios do desenvolvimento sustentável resultam de interdependências entre fatores sociais, económicos, ambientais e culturais que são inseparáveis, mas cujos mecanismos são ainda mal conhecidos, ocorrendo a que muitas vezes a solução num domínio prejudica os demais. Este é o quadro em que se inscrevem os projetos.

A noção de Ciência da Sustentabilidade envolve pesquisa e educação orientadas para a produção de conhecimento e de tecnologia inovadores, com base num entendimento dos processos que articulam as escalas local e global. Esta abordagem reconheceu seis princípios fundamentais para os projetos de sustentabilidade.

Em primeiro lugar, que o desenvolvimento sustentável e a agenda 2030 das Nações Unidas se apoiam na ciência da sustentabilidade, enquanto conjunto de respostas integradas e complexas que implicam os desafios ambientais, sociais e culturais. Em segundo lugar, que as respostas a esses desafios devem ser contextualizadas.



zadas nas diferentes escalas geográficas e temporais. Em terceiro lugar, que se trata de resolver problemas, mas sobretudo de compreender os dilemas e conflitos de interesses e objetivos, buscando caminhos integradores apoiados em exercícios de prospectiva que tenham em consideração necessidades ao longo do tempo. Em quarto lugar, que na construção de projetos é fundamental articular as ciências e as humanidades, considerando também os saberes não acadêmicos e as artes. Em quinto lugar, que é fundamental considerar em simultâneo a liberdade criativa e a responsabilidade face às necessidades da sociedade, na elaboração de projetos. Finalmente, que a educação deve reforçar as competências necessárias a todos os que assumem essas responsabilidades: análise crítica, prospectiva, raciocínio sistêmico, adaptabilidade, empatia...

Será desejável que a aplicação destes princípios a projetos específicos, nos domínios da

construção, conservação e reabilitação, parta de um esforço de resposta a uma sequência de questões: quais as necessidades a que responde o projeto e de acordo com que valores? Quais as possíveis consequências negativas ou benefícios de cada decisão estratégica de impacto sociocultural, em particular num prazo médio e longo? Para além dos técnicos, donos de obra e agentes estatais, como está a ser envolvida a sociedade no debate possível sobre essas decisões? Existe um plano de comunicação (não apenas de informação, mas de discussão) interna e externa do projeto? A equipa de projeto tem a colaboração de alguém com um perfil orientado para a crítica de valores, caracterização de identidades coletivas ou integração de perspetivas culturais diversas (antropólogo, historiador, filósofo...)?

Em diversos países, têm vindo a ser desenvolvidos programas de gestão cultural integrados do território, que procuram enquadrar

1 | *Quadro de referência da operacionalização de programas de Gestão Cultural Integrada do Território.*

os diversos projetos específicos nesta nova orientação, orientada para a consecução resiliente dos 17 objetivos do desenvolvimento sustentável. Estes programas apoiam-se em quatro pilares: educação/formação; reorganização da matriz sociocultural; interlocação institucional; e comunicação.

As experiências dos passados 30 anos, desde a divulgação do relatório sobre sustentabilidade ("O nosso futuro comum"), mostram como grandes avanços em determinados momentos

2 | *Centro de Negócios de Mação: um projeto que integrou as dimensões socioeconómica e cultural.*



foram seguidos de frustrantes recuos, estando todos os principais indicadores globais em pior estado do que antes dessas três décadas: menor biodiversidade, mais conflitos, maior desigualdade, crises e recessões em ciclos cada vez mais rápidos e duradouros, desagregação de Estados, illiteracia crescente, destruição de projetos...

É neste sentido que os intervenientes na estruturação de projetos têm uma responsabilidade fundamental, quer sejam do setor privado, público ou associativo. Um projeto é, sempre, uma antevisão da ação e suas consequências, pelo que projetos que não incorporem as dimensões acima referidas, e se limitem à dimensão técnica, são em rigor maus projetos (ainda que possam ser excelentes projetos de especialidade).

Foram maus projetos (bem estruturados na vertente físico-química mas ignorando a dimensão da biologia) que geraram o caos na conservação da gruta de Lascaux, património mundial. Foram maus projetos (muitas vezes de excelente arquitetura, mas ignorantes das dinâmicas humanas socioeconómicas locais) que espalharam “elefantes brancos” pelo território. Foram maus projetos (muito bem pensados na dimensão da conservação, mas desligados da vertente sociocultural) que afastaram públicos do Parque de Foz Côa e transformaram uma expectativa positiva em perceção distante e negativa. Foram maus projetos (muitas vezes apoiados em excelente investigação e

nas melhores técnicas de conservação e restauro) que reabilitaram monumentos nacionais mas não asseguraram a produção de materiais didáticos para os seus visitantes. Foram maus projetos (com excelente atenção aos direitos de privacidade, mas crescente abandono do investimento em espaços de socialização e vizinhança) que ajudaram a atomizar o espaço urbano e potenciaram a desagregação social e as depressões individuais.

Inversamente, foram bons projetos, que pensaram de forma integrada o espaço comum, atendendo às dimensões técnicas e de valores, atendendo às necessidades imediatas, mas considerando a sua transformação no tempo, que ajudaram a construir uma qualidade de vida globalmente melhor: hospitais que consideram a diversidade cultural, intervenções que privilegiam a conservação sobre o restauro, equipamentos culturais que afirmam a excelência sem virar as costas a diferentes públicos.

Apesar das aparências, vivemos um longo ciclo depressivo, marcado pela instabilidade do sistema financeiro mundial, pelo desemprego que irá aumentar com a digitalização e a robotização, pelo envelhecimento e quebra de natalidade, e pelos conflitos mais ou menos violentos que daí decorrem. Estruturar bem os projetos, concebendo-os verdadeiramente como um traço projetado no tempo, será essencial para adequar os investimentos às necessidades e evitar que desmorone muito do que foi conseguido ■